

EDUCAÇÃO MARXISTA E A AGENDA PÓS-MODERNA: CRÍTICAS E PROPOSIÇÕES

**LA EDUCACIÓN MARXISTA Y LA AGENDA POSMODERNA: CRÍTICAS Y
PROPUESTAS**

**MARXIST EDUCATION AND THE POST-MODERN AGENDA: CRITICISM AND
PROPOSITIONS**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.52369>

Cezar Luiz de Mari¹

Lara Carlette Thiengo²

Oswaldo Teodoro dos Santos Filho³

Mario Mariano Ruiz Cardoso⁴

Dezembro de 2022 é momento em que escrevemos este editorial, que apresentará aos leitores um conjunto de análises e reflexões que compõem o dossiê “Educação marxista e a agenda pós-moderna: críticas e proposições”. Frisamos a datação justamente para demarcar uma série de questões e retrocessos vivenciados pela classe trabalhadora no último período – como o avanço do ultraliberalismo⁵ da extrema direita e do neofascismo – mas também das resistências e lutas que marcaram, de forma mais intensa, as últimas décadas, mais precisamente, o ano de 2022. Entendemos que este é um momento oportuno para apresentarmos, outra vez, a vitalidade do marxismo para analisar as grandes questões que se apresentam na atualidade, bem como para travar os debates - muitas vezes complexos -, como a agenda pós-moderna.

Abordar a relação entre a educação, marxismo e a agenda pós-moderna nos parece uma necessidade e uma obrigação, considerando o processo da elaboração do pensamento crítico historicamente em embates com as insígnias das cosmovisões hegemônicas problematizando as condições de sua reprodução. Especificamente em relação ao campo educacional brasileiro, percebemos que a agenda pós-moderna tem adquirido cada vez maior expressividade nas últimas décadas, uma vez que esta se apresenta, por vezes, com uma roupagem progressista, ainda que se fundamente em concepções que naturalizem o modo de produção capitalista, reforcem a lógica de

fragmentação do pensamento e da desestruturação das perspectivas universalizantes, com a finalidade da sobrevida das ideologias dominantes nos âmbitos do pensamento e da política.

Ao longo da formação do pensamento moderno, observamos um dos movimentos mais importante da tradição ocidental marcado pelo desenvolvimento da perspectiva da racionalidade, dos Estados modernos e da ciência. As mesmas polêmicas observadas na antiga Grécia são renovadas e atualizadas nas correntes idealistas, empiristas, racionalistas, criticistas, marxistas, que introduzem antigas questões sob as condições da sociedade burguesa em crescimento. De algum modo, a maturidade do período moderno, segundo Hegel, se expressa em formas de sínteses dos períodos que a precederam, conservando aspectos do passado e incorporando as dinâmicas atuais, num movimento captado pela dialética. Assim, o problema com o pensamento crítico se estabelece na medida em que as noções sobre a dialética e a universalidade são desconsideradas ou distorcidas.

A questão da pós-modernidade pode ser entendida a partir dos limites dos intelectuais diante das crises da sociedade capitalista. Gramsci (1975) no Caderno 25 irá observar que o pensamento mais avançado italiano (expresso em Benedetto Croce), continha em si as condições de uma dialética limitada, em que apenas um polo, aquele da afirmação, se apresentava como possibilidade. Nas análises da formação e manutenção do Estado Moderno essa concepção irá afirmar apenas o polo das classes dominantes, articuladas ao Estado, sem os contrapontos dos grupos subalternos.

Desse modo, contribuíram para o desenvolvimento do pensamento pós-moderno as diversas correntes de pensamentos de rubricas idealistas, positivistas, mecanicistas, ceticistas, relativistas, explicando as diversas realidades sem seus aspectos mais fundamentais, tais como a história e a política, e substancialmente, sem apanhar o que Marx e Engels apontam como motor de desenvolvimento histórico, ou seja, a luta de classes (MARX; ENGELS, 2010, p. 40). É nesse sentido que Gramsci (1975) também reconhecerá o pensamento marxista como o mais avançado para explicitar os fenômenos modernos do capitalismo, atualizando-o no que definiu como Filosofia da Práxis, ou seja, numa compreensão de mundo que ultrapassa o empírico e penetra as dimensões estruturantes da vida em sociedade.

Se o pensamento crítico, com acento no marxismo, tem passado por diversos momentos de atualizações e enriquecimentos (e também de empobrecimento nos embalos cientificistas e positivistas), com o movimento pós-moderno, sofrerá um processo de profundas distorções como modo de inabilitá-lo. Esse movimento, fruto das “desilusões” com a sociedade, ganha corpo a partir da segunda grande guerra, buscando explicar as contradições históricas e sociais não mais pela vertente crítica, mas por perspectivas desconcertantes como as de Michael Foucault, Jean Baudrillard, Jacques Rancière, Jean François Lyotard, Jacques Derrida, dentre outros. Porém, não serão estes autores solitários a consolidarem o marco do pensamento pós-crítico, mas as condições materiais da sociedade capitalista que ao produzir as contradições também mobiliza seus intelectuais na afirmação de formas analíticas passivas.

A agenda pós-moderna, grosso modo, significou a tentativa de explicar todos os fenômenos sociais pela fragmentariedade, sustentada em uma leitura positivista do pensamento crítico, posto como abstrato e universalista. No diálogo com Moraes (2004, p.340), uma das mais importantes autoras para a discussão do tema no Brasil, destaca-se que:

[...] a agenda pós-moderna e as teorias que a compõem jamais expressaram um corpo conceitual coerente e unificado. Divergem quanto à persuasão política, à perspectiva filosófica e à estrutura do raciocínio. Argumentos pós e neomodernos, pós-estruturalistas, pós-analíticos, pós-metafísicos, pós-marxistas, retóricos, pós-coloniais, hermenêuticos, culturalistas, os do fim-da-história, os neopragmáticos, entre outros, compuseram esta agenda e participaram da grande “conversação” filosófica que animou a *intelligentsia* nas últimas décadas do século XX

Algumas versões desta agenda convenceram amplos setores intelectuais de esquerda que passaram a reproduzi-la nos diversos âmbitos institucionais com adesões de diversos movimentos sociais brasileiros. Na educação, a disseminação de que as metanarrativas são totalizantes e autoritárias e de que a verdade não passaria de significação da consciência, inspirada na fenomenologia de Husserl, fez aderir grandes levas de intelectuais e educadores que passaram a substituir conceitos como classe, trabalhadores, lutas sociais e políticas, Estado e sociedade civil por outros como habilidades, competências, subjetividade, emoções, dentre outros. Torna-se flagrante o esmaecimento da potência epistêmica e sua substituição por perspectivas mobilizadas na agenda pós-moderna que fugiam das questões centrais e essenciais para o enfrentamento das crises sucessivas produzidas na educação.

O relativismo resultante do abandono de referenciais históricos e sociais, permite a ascensão do fenômeno da “pós-verdade”, como uma espécie de “slogan” do pensamento amorfo e fragmentário. Vale lembrar que as crises trouxeram consigo dois velhos parceiros construídos entre as duas grandes guerras mundiais - fenômenos que trazem consigo elementos do fascismo e o nazismo - mesmo que em modos e traços específicos em cada país. Tais fenômenos encontram terreno fértil no florescimento da extrema direita mundial, utilizando-se de instrumentos retóricos capazes de convencer multidões de que não há confiança no mundo atual e nem mesmo objetividade naquilo que é por ele produzido. Esses elementos de fascismos e nazismos estão de volta à Europa, em parte da Eurásia, na América Latina e nos Estados Unidos. Em comum, transitando entre eles, a retórica da pós-verdade.

A pós-verdade é “filha caçula” do movimento pós-moderno e de um processo político de “soluções pelo alto” ancorada na perspectiva relativista onde a verdade seria uma construção social sustentada em interesses subjetivos e volições grupais. (Cf. ROCHA, 2021) As expressões destas têm se tornado comuns nas mídias, especialmente as que se submetem a interesses privados, propagados por meio de *fake news*, mentiras, notícias falsas, meias verdades, com “ares” de interesses coletivos.

Experiências recentes de guerras híbridas utilizadas pela extrema direita como as vividas no *Brexit* do Reino Unido, na Itália de Matteo Salvini, na Hungria de Victor Orban, no Brasil de Jair Bolsonaro, no Partido Vox da Espanha, junto a Marine Le Pen na França, em todos esses eventos encontram-se o descompromisso com os avanços da modernidade tais como a ciência, direitos sociais

e a adesão a pós-verdade. Não se trata apenas de um movimento de descontentes e desencantados, mas de uma profunda expressão da crise do capitalismo na sua forma neoliberal que movimentava as extremas direitas mundiais em torno da proteção de seus privilégios com uma sintonia popular de penetração molecular, proliferando-se por conta dos vácuos deixados pelo Estado de direito, pelas mídias corporativas e pelas promessas do “progresso” da modernidade. As multidões de descontentes buscam respostas para compreender o ‘mal-estar’ conectadas a processos ativos ao redor de agendas conservadoras que se estendem das referidas *fake news*, ao racismo, misoginia e à eliminação do outro.

Se não existe verdade, segundo Hegel (1997), também não é possível falar em justiça e ética. Talvez aqui resida um dos maiores desafios no enfrentamento da agenda pós-moderna, no processo formativo das novas gerações, pois a deterioração do sistema capitalista tende a produzir e aprofundar fenômenos “bizarros”, diante dos quais, são necessárias posições filosóficas e políticas capazes de produzir uma práxis que supere as visões fragmentadas.

Faz-se necessário, para buscar os elementos que engendram uma agenda pós-moderna, remetermo-nos aos escritos de Marx e Engels, mais especificamente a *Ideologia Alemã*. A impiedosa crítica forjada entre os anos de 1845 e 1846 acerca do debate idealista vigente no período, seguramente, consubstancia e nos traz valiosas pistas da degeneração do pensamento dominante. Vale ressaltar, assim como os jovens hegelianos acreditavam contribuir para uma “[...] nova orientação na interpretação das relações existentes” (MARX; ENGELS, 2007, p. 102), mesmo sem sequer se aproximarem de questões essenciais que constituíam as relações sociais, aqueles que reivindicam a ideologia pós-moderna, na contemporaneidade, destacam-se, muitas vezes, por um conjunto de críticas ao atual estado de coisas ao passo que as legitimam.

É neste sentido que Wood (1999, p. 15) afirma:

Há ainda outro aspecto muito curioso do pós-modernismo corrente, um paradoxo especialmente notável. Por um lado, a negação da história em que se baseia está ligada a uma espécie de pessimismo político. Uma vez que não há sistemas ou história suscetíveis de análise causal, não podemos chegar à origem de muitos poderes que nos oprimem. Nem tampouco, certamente, aspirar a algum tipo de oposição unificada, de emancipação humana geral, ou mesmo a uma contestação geral do capitalismo, como os socialistas costumavam acreditar; o máximo que podemos esperar é um bom número de resistências particulares e separadas. Por outro lado, esse pessimismo político parece ter origens numa visão bastante otimista das possibilidades e da prosperidade capitalistas.

Com efeito, estando esterilizada qualquer forma de contraposição ao capitalismo e não podendo, ao menos, compreendê-lo como uma unidade sistêmica, a partir de suas leis tendenciais, o que resta aos trabalhadores senão o amoldamento à ordem?

Torna-se um imperativo, ao trazer à tona a discussão da presença de uma agenda pós-moderna, refletirmos sobre a decadência ideológica da burguesia, categoria teórica exposta no pensamento de Lukács e que oferece, resgatando a conexão dialética entre o desenvolvimento material e a estruturação ideológica social, pressupostos essenciais para a compreensão da sociabilidade capitalista. De acordo com Lukács (1968, p. 99): “A decadência ideológica surge quando as tendências

da dinâmica objetiva da vida cessam de ser reconhecidas, ou são inclusive mais ou menos ignoradas, ao passo que se introduzem em seu lugar desejos subjetivos, vistos como a força motriz da realidade.”

Na atual fase do desenvolvimento da sociedade capitalista – ainda que alguns intelectuais denotem a extenuação ou mesmo o fim do pensamento pós-moderno⁶ e a partir da constatação que o ladrilhar desta ideologia pavimentou a ascensão da extrema direita em diferentes localidades do mundo⁷ – o presente número de *Germinal: marxismo e educação em debate*, à luz de algumas destas questões suscitadas, propõe neste dossiê um debate crítico sobre as influências, os impactos e os desdobramentos de uma agenda pós-moderna no campo na educação. Todavia, sabemos a insuficiência de compreender a questão da educação, bem como, qualquer outro elemento social sem apanhá-lo nas suas dimensões concretas, desse modo, reivindicamos o rigor analítico do materialismo dialético para tanto.

Na medida em que os ideólogos pós-modernos esforçam-se para inabilitar as análises críticas derivadas da tradição marxista, a teoria revolucionária elaborada por Marx e Engels emerge como um instrumento, cada vez mais potente, para desvelar as diferentes fases do modo de produção capitalista e, por conseguinte, as irracionalidades desenvolvidas na agenda pós-moderna.

O dossiê que segue, intitulado “*Educação marxista e a agenda pós-moderna: críticas e proposições*” é aberto pela **Entrevista** realizada pelo Comitê Editorial da revista com a professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Amanda Moreira da Silva, que nos brindou com um conjunto de reflexões que conectam o debate da agenda pós-moderna na educação com a análise das transformações do trabalho docente e da educação em geral na sociedade atual. Como parte da agenda pós-moderna e do próprio “pós-modernismo neoliberal”, nas palavras da professora Amanda, está a produção de “saídas individualizantes” e “fragmentadas” para os impasses vividos pela classe trabalhadora na atualidade.

Na seção **Debate** encontram-se 21 artigos de convidados e convidadas, além daqueles que chegaram pelo chamamento específico do dossiê, que abordam sob diferentes e enriquecedoras perspectivas a temática desse número.

Eurelino Coelho inaugura essa seção da revista com a apresentação crítica de obras pós-modernas, localizando os elementos centrais dessas produções, bem como o método dessas reflexões, contribuindo para a identificação dos seus eixos comuns e as possibilidades de crítica a esse arcabouço teórico-metodológico. Em seguida, apresentamos a contribuição de Emiliano Alessandrini, professor da Universidade de Urbino na Itália que situa sua crítica ao pós-modernismo na articulação do debate sobre a verdade a partir dos fundamentos do pensamento de Hegel, em especial, resgatando a potência da categoria de contradição que na visão do autor tem sido objeto de aniquilação pela ideologia pós-moderna. Newton Duarte contribui nesse dossiê no caminho já aberto em suas produções anteriores na revista *Germinal* e avançando para enfrentarmos os efeitos da ideologia pós-moderna na educação não só com a crítica, mas com as proposições de uma concepção educativa baseada no marxismo, articulando o caráter emancipatório contido nos conhecimentos científicos contra o negacionismo e o relativismo.

A professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Sandra Soares Della Fonte problematiza a sobrevivência da agenda pós-moderna e seus impactos na educação, adentrando o contexto da pandemia da Covid-19. Maria de Lourdes Pinto de Almeida e Marlon Sandro Lesnieski defendem a concepção de história a partir do marxismo em contraposição ao ideário pós-moderno. As concepções de sociedade “pós-industrial” e sociedade do conhecimento com seus rebatimentos na educação são abordados por Jeferson Anibal Gonzalez. Atanásio Mykonios discute a pós-modernidade, a produção de mercadorias e a lei do valor na esteira da reestruturação produtiva a partir da década de 1970 e seus movimentos atuais na comunicação, na cultura virtual com impacto para os processos cognitivos. Tema fundamental para a perspectiva marxista, a organização e luta da classe trabalhadora é discutida pelo texto de Célia Regina Vendramini e Giovanni Frizzo que criticam o pós-modernismo no seu recuo da teoria e no apagamento da análise de classe.

A discussão sobre a didática é objeto de Adalgiza Gobbi, Luciana Pimentel Rhodes Gonçalves Soares, Pauliane Pimentel Rhodes Gonçalves e Ana Carolina Galvão que criticam o movimento pós-moderno nesse campo. As consequências das abordagens pós-modernas na pesquisa em educação é o tema do artigo de Tanise Baptista de Medeiros e Denis Angelo. Avançamos nesse dossiê com a problematização sobre o papel do Instituto Ayrton Senna nas políticas de formação de professores feita por Adriana Machado Penna, Bruna Siqueira dos Santos Señorans, Gleicimar Gonçalves de Lima, Juliana Ferreira da Silva, Leandro Martins Costa, Marcelo Werneck Guimarães e Martha Regina Pessoa Dian. Temos ainda o estimulante texto de André Guimarães que encontra no irracionalismo a aproximação entre a obra de Friedrich Hayek e a extrema direita contemporânea.

As *fakenews*, a pós-verdade e o negacionismo, elementos constantes da dinâmica de ação política da extrema direita no Brasil, são refletidos, bem como seus impactos na educação e na pesquisa científica a partir do arcabouço crítico gramsciano, por Helton Messini da Costa e Rodrigo Lima R. Gomes. Iasmin Moureira Costa e Elaine Nunes Silva Fernandes abordam a centralidade do marxismo para a análise das lutas sociais. Dentre essas lutas, ganha destaque a luta feminista sob a ótica do marxismo no artigo escrito por Eliane do Socorro de Sousa Aguiar e Wanny Sobrinho Costa que analisam a produção desse tema na biblioteca virtual Scielo. Como parte dos resultados de uma tese de doutorado que estudou as políticas públicas de educação ambiental no município de Maricá/RJ, Ana Carolina Brasil de Oliveira e Leonardo Kaplan refletem com base no marxismo sobre as influências do ideário pós-moderno na educação ambiental.

Dois artigos abordam criticamente a relação do pensamento de Boaventura de Sousa Santos e a educação: o primeiro escrito por Adrianycy Angélica Silva de Sousa e Ellen Soares Marinho e o segundo desenvolvido por Fernanda Bartoly Gonçalves de Lima. Os efeitos da fragmentação pós-moderna através das políticas de editais para formação docente da educação básica é tema do escrito de Renata Flores. Gislei José Scapin e Maristela da Silva Souza abordam a epistemologia da educação física e a agenda pós moderna. Encerrando a seção **Debate**, Flavia de Lamare desenvolve importante

reflexão sobre os vínculos entre a Pedagogia da Infância e a concepção neoliberal e pós-moderna de educação.

O conjunto de escritos da seção **Debate** aqui brevemente citados anunciam a potência desse tema para continuidade de pesquisas que se fundamentam no marxismo e que com certeza serão desenvolvidos ao longo do ano de 2023 em conexão com outros temas dos próximos dossiês.

Na seção **Artigos** trazemos para as leitoras e leitores 13 textos que aprofundam debates em torno da riqueza da tradição marxista. Iniciamos com dois artigos que trabalham a interlocução, sempre crítica, de Marx com Hegel. O primeiro foi escrito por Glauber Franco de Oliveira e o segundo Cássio Corrêa Benjamin e André Paiva. A obra lukacsiana *Para uma Ontologia do Ser Social* é objeto da análise de Paulo Henrique Furtado de Araujo e o pensamento de Anatoli Vassilievitch Lunatcharski (1875-1933) para a educação soviética é desenvolvido no texto de Paula Gonçalves Felício, Marta Chaves e Jani Alves da Silva Moreira.

O historiador marxista inglês Eric Hobsbawm (1917-2012) e suas contribuições para a história e historiografia da educação são analisados por Daniel Longhini Vicenconi, Marli Delmônico de Araújo Futata e César de Alencar Arnaut de Toledo. Lucélia Costa Araújo e Maria Vilani Cosme de Carvalho discutem o potencial do materialismo histórico-dialético para analisar a docência universitária como uma práxis criadora. A relação entre trabalho emancipado e formação de professores é tema do escrito de Karlinny Martins Silva e Rafael Rossi. A educação sob a lógica do capital a partir da ideia de inovação disruptiva é objeto da análise de Taise Cristina Gomes Clementino Negreiros.

Esse número abre espaço para uma análise urgente e necessária sobre a conhecida Operação Lava Jato a partir da categoria de imperialismo tardio desenvolvida por Luis Eduardo Rocha Maia Fernandes e Juliane da Costa Furno. Permanecendo no desvelamento das consequências das dinâmicas imperialistas do capitalismo atual para a sociabilidade brasileira, Maílson Lucas Portinho desenvolve reflexão sobre Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis - IBP e sua atuação na mudança da política petrolífera no Brasil no pós-golpe de 2016 contra a presidente Dilma Rousseff.

Finalizamos a seção **Artigos** com dois escritos que brindam a longa caminhada da Revista Germinal junto a área da educação física: o primeiro é o texto de Jorge Luis D'Ávila e Christiane Caetano Fernandes que abordam a Cultura Corporal no processo de formação de professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo; o segundo permanece no tema da cultura corporal analisando seu caráter de classe e foi produzido por José Pereira Sousa Sobrinho e Niágara Vieira Soares Cunha.

A seção **Clássico/Documentos** é constituída por três textos. Os dois primeiros textos, ao discutirem a universidade na perspectiva da classe trabalhadora, promovem ainda duas importantes tarefas de homenagem. A seção é finalizada com um artigo que é composto por dois opúsculos escritos separadamente por Lukács no ano de 1922.

O primeiro texto da seção demarca o centenário de Darcy Ribeiro, mineiro de Montes Claros que nasceu em 26 de outubro de 1922. Fazemos a homenagem pela reflexão de Florestan Fernandes

que através do texto *A universidade ambígua* propõe um diálogo crítico com a obra *A universidade necessária* de Darcy. Agradecemos imensamente a gentileza militante dos companheiros e companheiras da Editora Expressão Popular que nos facilitaram a publicação na *Germinar* desse texto de Florestan que consta como apêndice na obra *Universidade Brasileira: reforma ou revolução?* lançada em 2020 (FERNANDES, 2020).

A vida e a obra de Darcy, aos olhos e pensamento socialista de Florestan, nos ajudam a também compor outra homenagem: no ano de 1922 nascia Darcy como já dissemos, e também nascia o Partido Comunista Brasileiro. Nesse ano de 2022, em pleno centenário do partidão, trouxemos em números anteriores alguns textos que rememoram a contribuição política e intelectual dessa organização da classe trabalhadora brasileira. Fechamos este terceiro número da *Germinar*, somando o debate sobre a luta e construção de uma universidade para além do capital, com o texto do militante histórico do PCB, Horácio Macedo, intitulado *A universidade num país periférico*.

Como dissemos, o fechamento da seção **Clássico/Documentos** traz duas produções de Lukács produzidas nesse ano de 1922 que emanam nessa seção da revista potencialidades críticas e revolucionárias. Os textos do filósofo comunista húngaro foram produzidos no seu exílio em Viena: *Gênese e valor das criações literárias* e *Marxismo e história da literatura*, ambos inéditos em português, e que foram traduzidos de modo brilhante pelo professor Ranieri Carli do curso de serviço social da Universidade Federal Fluminense (UFF) no campus de Rio das Ostras. Nossos profundos agradecimentos a ele!

Esse número da *Revista Germinar: marxismo e educação em debate* é fechado pela seção **Resenhas** e traz a contribuição de Lilean Cury que se dedicou a nos apresentar a obra *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo* de Silvia Federici.

O conjunto de escritos desse terceiro número de 2022 da *Germinar* demonstra a vitalidade da rica tradição marxista que, partindo da indissociabilidade entre teoria e prática, propõe formas de enfrentamento para os problemas candentes que afetam diretamente a luta da classe trabalhadora por sua emancipação. Detivemo-nos de modo especial sobre os problemas trazidos pela agenda pós-moderna para a formação humana, sem deixar de travar batalhas do pensar para o agir em outras trincheiras da ação social.

Esperaremos 2023 esperançosos pela derrota do governo Bolsonaro nas urnas, entretanto, sabendo que apenas a organização e o avanço das lutas populares podem barrar a sanha de projetos que objetivam a completa espoliação dos trabalhadores. Neste momento, é necessário sublinhar de forma intransigente, sob autoridade da experiência histórica, que permanecendo novos contornos da conciliação aprofundaremos a lógica do capital. Muitos dos segmentos da classe dominante que convergiram radicalmente com a violenta forma política da extrema direita bolsonarista agora tentam permanecer na cena usando uma roupagem “progressista e democrática”, por vezes, utilizando-se das vestes da “frente ampla”. O signo da constituição de uma oposição ao campo bolsonarista e o combate incisivo contra tudo o que esse projeto expressa, não pode ocultar os interesses da classe trabalhadora.

Entretanto, como nos lembra Solano Trindade, "o opressor não pode fechar minha boca" (TRINDADE, 2011, p. 143) e a *Germinar* continuará a ser espaço para a crítica radical de projetos que se evidenciam a serviço do capitalismo, bem como de vertentes que desembocam no terreno pantanoso do pacto social. Para todos que se reivindicam ao lado dos trabalhadores, não há outra alternativa senão a luta por uma Revolução Socialista!

Referências:

FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**. Edizione crítica dell' Instituto Gramsci a cura de Valentino Gerratana, Torino: Einaudi, 1975. Edizione Elettronica a cura dell' Internacional Gramsci Society.

HEGEL, W. F. **Princípios da Filosofia do Direito**. Tradução Orlando Vitorino, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LUKÁCS. G.. **Marxismo e teoria da literatura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução: Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MORAES. M. C. M. de. O renovado conservadorismo da agenda pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/XRhPdszWXysJVjLmTMj3VrH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 22/dez./2022.

ROCHA, J. C. de C. **Retórica cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

TRINDADE, Solano. **Poemas antológicos de Solano Trindade**. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

WOOD, E. M.; FOSTER, J.B. (orgs.). **Em defesa da história: Marxismo e pós-modernismo**. Tradução: Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

Notas

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006), mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998) e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993), e . Atualmente é docente associado da Universidade Federal de Viçosa - UFV. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/DPE/UFV. Membro da International Gramsci Society (Seção BR - 2015/RJ). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Conhecimento e Processos Educativos - dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5126021810938293. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0201073550093287>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0404-0328>. Email: cezar.demari@ufv.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018) com estágio sanduíche na Universidade Autônoma de Barcelona (2015-2016) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (2013). Também realizou estágio de pós-doutoramento na Universidade do Oeste de Santa Catarina (2018-2019). Atualmente é Professora adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Também é membro do Grupo de Pesquisa Trabalho e Conhecimento no Ensino Superior (Traces - UFSC) e é líder do Grupo de Investigação em formação de professores, trabalho e educação (Giforte-Ufvjm) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5433951320772360>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3593-4746>. Email: laracarlette@gmail.com

³ Licenciado em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Professor de História efetivo da Rede Estadual de Educação Básica de Minas Gerais (SEE-MG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4737238843270211>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4869-4411>. E-mail: osvaldoteodoro2003@gmail.com

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da área de fundamentos da educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6466684523583420>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0332-1470>. Email: mario.mariano@ufvjm.edu.br

⁵ Optamos pela utilização da categoria *ultraliberalismo* para conceituar o conjunto de ataques da burguesia sobre os trabalhadores que ao longo das últimas décadas, consolidando-se como um projeto histórico-social, não se manteve apenas circunscrito ao terreno da economia, entretanto, move-se, sobretudo a partir da despótica acumulação capitalista. Refere-se, ainda, a um complexo de distintas vertentes epistemológicas/ideológicas que possui como princípios, entre outras coisas, a inconteste defesa do livre-mercado, da iniciativa privada, da auto regulação do mercado, da gestão empresarial do Estado, da desregulamentação financeira, das privatizações e precarização das leis trabalhistas, do superdimensionamento das liberdades individuais em detrimento de direitos coletivos, das políticas de encarceramento em massa, da supressão de políticas de proteção social. Ver: ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 09-23, 1995; FONSENCA, F. C. P. da. **O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil**. São Paulo: Editora Hicitec, 2005; FONTES, Virgínia. **Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

⁶ Ver: EAGLETON, T. *After theory*. London: Penguin; New York: Perseus, 2003

⁷ Ver: AZZARÀ, S. G. *Adens pós-modernismo: populismo e hegemonia na crise da democracia moderna*. Tradução: Marcos Aurélio da Silva – 1. ed. – Florianópolis, S.C: Editora Insular, 2022

Recebido em: 25 de dez. 2022

Aprovado em: 28 de dez. 2022